



CONTRANISTIA

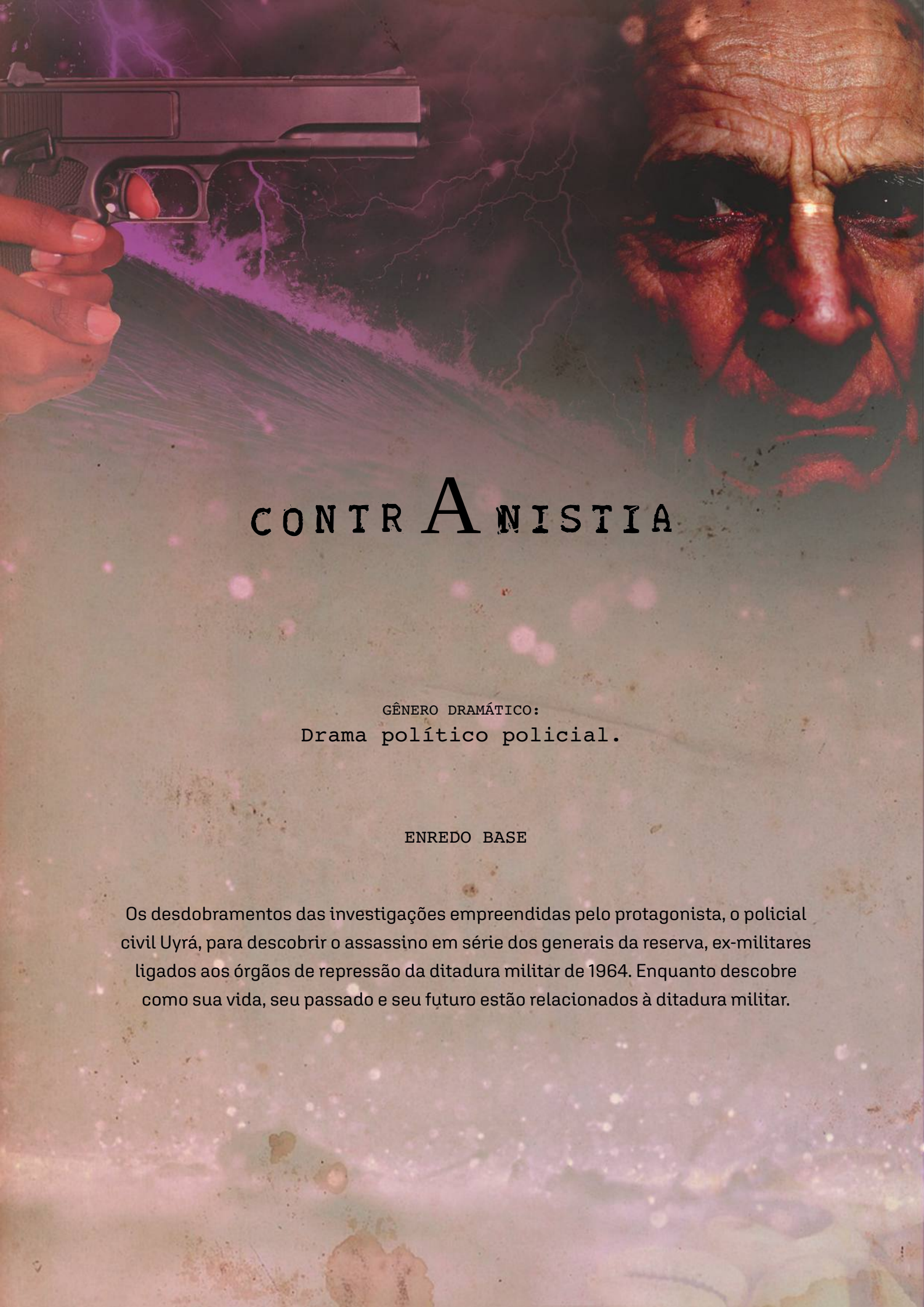
Uma Série de Henrique Dantas

CONTR A NISTIA



Quando a justiça dos homens
insiste em omitir-se, Nanã e
Xangô vêm trazer, implacáveis, o
castigo, a vingança e a justiça.





CONTRANISTIA

GÊNERO DRAMÁTICO:

Drama político policial.

ENREDO BASE

Os desdobramentos das investigações empreendidas pelo protagonista, o policial civil Uyrá, para descobrir o assassino em série dos generais da reserva, ex-militares ligados aos órgãos de repressão da ditadura militar de 1964. Enquanto descobre como sua vida, seu passado e seu futuro estão relacionados à ditadura militar.



CONFLITO CENTRAL

Durante os oito episódios que compõem a primeira temporada da série, teremos um conflito central que se desdobra em dois, complementarmente:

- Conflito central interno: Uyrá tem de lidar com as contradições da sua percepção de justiça e como a descoberta de sua própria história modifica essa percepção.
- Conflito central externo: Uyrá e o dilema entre prender ou não Luíza, sua amiga, pois ele descobre ser ela a assassina dos generais da reserva.





TEMA DE FUNDO E PREMISSA

A temática de fundo, ou background, da série, que tangencia e amplia os sentidos da história principal, é a crítica historicista e contemporânea à Lei da Anistia, que, sancionada pelo então presidente Figueiredo, em agosto de 1979, concedeu o perdão oficial aos militares assassinos e torturadores das forças de segurança, tanto quanto aos participantes dos movimentos civis que combateram a ditadura via luta armada. Sem fazer uma apuração necessária, sem entender as consequências futuras de uma costura institucional feita por “cima”, desprezando intencionalmente a participação popular nas negociações para o fim do regime, a norma publicada acabou criando uma falsa isonomia entre torturadores e torturados da época, que culminou na fragilização do tecido social brasileiro, que, por nunca ter entendido plenamente essa discrepância, não se criou vacinas, barreiras culturais e proteções políticas efetivas para enfrentar os novos movimentos autoritários que surgiram após o fim da ditadura.

Então, pela função que cabe e que permite à

arte, desenlaces desse péssimo acerto e implicações reais que se espraíram em todos os estratos e cantos da vida nacional viraram elementos narrativos que provocam as ações e influenciam as relações dos personagens principais com o universo inconfundível da série, principalmente os que são atravessados pela revolta contra as injustiças, não apuradas e ainda existentes, pelas marcas no corpo e na memória objetiva e subjetiva provocadas pela violência imposta nos porões da tortura, como apresentadas nas nossas personagens Mariá, Luíza e Uyrá.

Também é trazida à baila, com aderência e coesão, uma discussão que se passa no recorte temporal onde a história caminha – 2010 –, a saber, a revisão da Lei da Anistia provocada pela sociedade organizada, e que impacta no dia a dia e no trato prático e afetivo entre as figuras dramáticas que transitam nesse tema. Para tanto, e como linguagem, informações produzidas pelos meios de comunicação do período são introduzidas nos textos de forma ficcionalizada ou, quando possível, de forma documental.



MOTIVAÇÃO

A inquietação e o desconforto em perceber que a sociedade brasileira convive, hoje, em plena harmonia com os agentes públicos e privados da repressão, anistiados incorretamente pelo Estado, que seviciaram mulheres e homens utilizando métodos cruéis e inimagináveis, justificando suas ações na ficção do “combate ao comunismo internacional”, foi o vetor principal de construção dessa estória, desse produto audiovisual para TV denominado de Contr-Anistia. A série tem, portanto, como principal objetivo artístico fomentar discussões sobre as consequências desse período histórico que nos assombram até hoje, potencializando o surgimento de organizações fascistas que ganham campo no debate público atual. A pretensão é fazer da obra uma grande caixa de ressonância, uma mediadora entre períodos históricos distintos, um espelho onde o espectador possa se ver em três dimensões temporais: passado, presente e futuro. O futuro, aqui, é uma intenção da autoria, o resultado imaginado por nós do efeito da obra na recepção de quem a consome, levando-o a refletir sobre em que país se quer estar ou construir.





DESCRIÇÃO DO UNIVERSO E SUAS LEIS

Salvador. 2010.

A Bahia é o Brasil partido e misturado à milésima potência. Salvador é a cidade em que Glauber Rocha e ACM bebem e riem juntos. É a cidade em que o padre católico reza a missa em iorubá e que na sexta-feira as pessoas se vestem de branco para saudar Oxalá. A cidade em que o PM homofóbico se traveste de mulher para brincar no carnaval. A cidade comandada por elites brancas que festejam que a cultura baiana, totalmente negra, está acima de tudo – mas que não permitem que o negro suba ao poder. A capital com um dos maiores índices pluviométricos do país, mas que sempre é vendida como solar. Um lugar onde as contradições convivem, transigem, dançam juntas e se acotovelam em feiras tradicionais, em festas populares e coberturas de luxo.

Nossa história está majoritariamente alocada no bairro de Itapuã, em torno da 13ª DP. Situada em frente à Sereia, ao lado da pequena igreja de Itapuã e próxima ao terreiro de Mãe Vitória e de outros povos de Santo – que lutam para não transformarem as cercanias da Lagoa do Abaeté em um enorme complexo de igrejas neopentecostais. Nessa faixa de cinco quarteirões, limítrofe à zona barra pesada da Baixa do Soronha, pescadores, surfistas, crackeiros, artistas, alcóolatrás, michês, prostitutas, policiais, padres, mães de santo e babalorixás convivem, mirando sempre o mesmo mar dessa antiga terra tupinambá.

As leis que regem esse mundo são duas, e não são conflitantes: a do hiper-realismo e da espiritualidade iorubana. No hiper-realismo, as ações e as consequências que norteiam os personagens nos episódios obedecem estritamente à lógica do mundo real. Quando a espiritualidade iorubana entra em cena, os personagens que transitam nessa religiosidade são governados pela intuição, pelos signos e pela práxis mística da cosmologia afro-diaspórica.

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Essa série pretende provocar reflexões históricas sobre o papel e as consequências da Anistia política de 1979, sobre a sociedade brasileira, a partir de um recorte histórico localizado no ano de 2010. A Anistia permitiu que parte da história mais perversa que tivemos na nossa formação fosse jogada para debaixo do tapete do esquecimento. Nossa série, “Contr-Anistia”, evoca essa memória, desenterra parte dessas histórias, a partir da vida de pessoas que conviveram na década de 1970 e que se cruzam no ano de 2010, em outro momento histórico. Essas pessoas tiveram suas vidas destruídas pela ditadura militar, foram enganadas com ocultamentos, segredos e mentiras, mas tiveram que se deparar com verdades que mudarão para sempre suas vidas. É uma série que mistura o hiper-realismo das memórias duras de um período nacional com a magia dos Orixás, e por isso teremos, do ponto de vista estético, uma Salvador ancorada nas realidades soteropolitanas do período, com suas nuances, locações, ruas e ladeiras, e em aspectos estéticos religiosos que aparecerão em forma de raios, trovões, ventos, mar, terra, plantas, igrejas, rituais e símbolos religiosos presentes no Candomblé. Os protagonistas são negros e com isso escrevemos e entregamos uma série preta, não falando sob o ponto de vista do racismo estrutural, onde vemos a população negra atrelada a pobreza. Apresentamos um protagonista negro, policial civil, filho de uma artista plástica de renome internacional, da classe média alta baiana que, ao investigar uma série de assassinatos de militares aposentados, descobre que sua vida está completamente relacionada a esses crimes e a essas pessoas; junto a uma protagonista negra, advogada, milionária, que chega de Portugal disposta a balançar as estruturas da cidade e a rever sua história terrivelmente escondida. Na série, apresentaremos uma Salvador chuvosa, mais cinza, distante da cidade de verão quase

sempre apresentada, e para não termos um elevado custo com a produção de chuva, apresentaremos as cenas das externas noturnas em situações de pós-chuva, ou seja, com a água espalhada e ainda gotejante. O conceito de direção pensado para a série se divide em dois momentos bem definidos. O primeiro é relacionado com a realidade nua e crua dessa cidade de 3 milhões de habitantes que tem a maior população negra fora da Nigéria e que funciona com um tempo urbano rápido, estressante e contado através dos ponteiros do relógio. E um segundo momento que funciona com o tempo da natureza, o tempo do Candomblé, o tempo da espiritualidade, da simbologia, o tempo do movimento e da beleza das coisas, das descobertas. Sendo uma série policial, teremos muita ação como o gênero pede, mas teremos as especificidades que a Bahia apresenta enquanto celeiro de misturas, cheiros e sabores, intercalada com momentos existencialistas e reflexivos, acompanhando as curvas dramáticas dos personagens. Os protagonistas da série são negros, e buscaremos figuração e elenco de apoio, na sua maioria, entre os atores negros, trazendo a tez da nossa cidade, que tem 81,1% da população entre negros e pardos. O tom de atuação utilizado na série será um tom de contenção, para ter mais coerência com o peso dramático do assunto. As histórias são tristes, as pessoas que passaram pelas atrocidades da ditadura são pessoas contidas na sua natureza, que guardam essas memórias terríveis de modo a não perderem o bom estado mental. Em relação à fotografia, acreditamos que com a chegada do fotógrafo teremos uma ideia mais desenvolvida e discutida de como abordaremos a luz no filme. De antemão, imaginamos a adequação da fotografia com esses momentos que elencamos no filme. Teremos uma boa quantidade de noturnas, de externas pós-chuva, com água espalhada pelas ruas, trazendo brilhos e reflexos, trazendo a estética de uma Salvador chuvosa, como queremos com a série. As relações de contraste serão trabalhadas, assim como planos minimalistas, aproximados, buscando plasticidades, evidenciando as estéticas que trabalharemos com a arte. Teremos raios e trovões que estarão presentes na luz criada para esses momentos.

SOM

Traremos os sons das ruas de Salvador, com seus cantos de trabalho, com seus cantos de Axé, com a música brega, o rock e o som que a cidade produz, tanto no bairro de Itapuã como em outros lugares. Teremos uma camada de som realista e outra camada de som quase onírica, levando os tambores e as sutilezas dos Orixás, com seus toques e ruídos que a natureza produz. Teremos sonoridades de trovões, ventos e chuvas que trarão essa camada transcendental e orgânica.

DIREÇÃO DE ARTE

A direção de arte será pautada no realismo, mas teremos o desafio de criar uma estética para o aparecimento do orixá Xangô para o personagem principal, assim como teremos que filmar em espaços sagrados como é um terreiro de Candomblé e em lugares emblemáticos como a Lagoa do Abaeté. O figurino também obedecerá a esta estética e estará imerso nesse desafio de criar o aparecimento de Xangô. Teremos também figurinos e cenários de época, visto que trazemos cenas de flashback localizadas nas décadas de 1970 e 1980.

Contr-anistia é uma série policial, mas que traz camadas distintas que ainda não encontramos paralelo nas séries em exibição. Existe uma série na Amazon que traz um diálogo de Deuses com o mundo real, mas tem uma proposta muito diferente desta que temos aqui. Trabalharemos a primeira temporada no ano de 2010 e temos a intenção de desenvolver mais 3 temporadas nos anos de 2013, 2016 e 2018, anos que achamos que foram chaves na política nacional e que dialogam com essa questão tão necessária da revisão da Anistia Política de 1979.

VISÃO DE COMUNICABILIDADE

Na Salvador de encruzilhadas políticas e religiosas, um detetive ligado a Xangô precisa encontrar um serial killer de ex-torturadores da Ditadura Militar ainda impunes.



UYRÁ

PROTAGONISTA.

Uyrá, 38 anos, é um policial civil negro que aceita o sistema como uma espécie de indulto para viver e exercer sua profissão, onde é considerado competente, ao mesmo tempo em que é visto com ressalvas pelos colegas por “ficar em cima do muro” e não participar de certas ações e esquemas de repressão. Surfista e capoeirista, é filho de Oswaldo - por quem inicialmente nutre grande admiração - e de Mariá, a quem direciona seus cuidados. Uyrá é, ainda, casado com Sabrina, que passa por uma gravidez de risco, e a relação dos dois é confusa e turbulenta. Por conta disso, é um homem que anda na corda bamba. Cheio de dilemas, passa por um turbilhão de mudanças acarretadas pela morte da mãe e pela descoberta de que aquele que ele pensou a vida toda ser seu pai, participou da repressão na ditadura. Essa transformação, juntamente com a compreensão sobre suas visões de Xangô e a aceitação do Candomblé, o fazem inverter o seu prisma ao analisar quem são aqueles em que pode confiar. Uyrá tem o toc com o isqueiro, acendendo-o constantemente. Algo que, mesmo sem saber a princípio, tem ligação com a sua espiritualidade.

Características físicas: negro, corpo atlético, cabelos curtos. 1,80m, 78 quilos.

Vestuário: geralmente calça jeans e alguma camiseta lisa, nas cores branca ou preta.

Além das roupas de capoeira, surf e depois do Candomblé.



Primeira fase de Uyrá:

Policial civil com vício em cocaína, que se adapta ao sistema e evita grandes questionamentos, tanto no trabalho como policial quanto nos dilemas familiares.

Segunda fase de Uyrá:

Uyrá, após alguns fatos marcantes que culminaram com a morte da mãe e do seu contato com o candomblé, reflete sobre seu posicionamento político, assim como sobre sua condição de homem negro e sua religiosidade.

Terceira fase de Uyrá:

Uyrá enfim se posiciona, assume sua crença nos Orixás, abandona seu vício e combate seus reais inimigos.

LUÍZA

PROTAGONISTA.

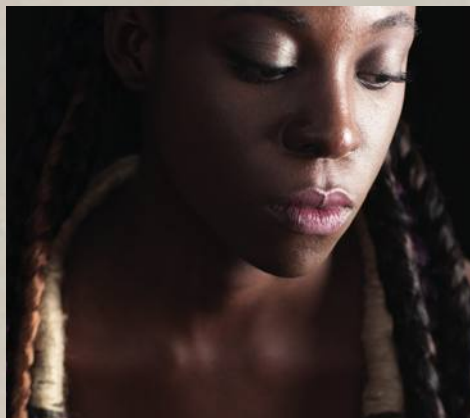
Advogada, lésbica e negra de 38 anos, adotada por uma família de portugueses que viveram no Brasil na década de 1970 e que descobre que foi adotada através de um esquema criminoso operado pelos militares. Volta de Portugal para o Brasil em busca de respostas sobre as suas origens e se depara com uma história cruel, onde ela descobre que é fruto de um estupro coletivo realizado por generais do Forte de Santo Antônio. Segue por uma trilha de vingança pessoal que a transforma em uma assassina em série.

Características físicas: negra, porte atlético, cabelos futuristas, 1,78m, 70 quilos, atraente.

Vestuário: segue a moda afro-futurista. Luíza tem um leve sotaque português, mas usa uma gíria ou outra que aprende ao voltar para o Brasil.



ARCO COMPLETO DA SÉRIE



Nossa trama principal se passa em Salvador, no ano de 2010. É a história de Uyrá, policial civil negro de 38 anos, filho de uma ex-presidiária política, que escolheu ser policial para tentar atuar de maneira justa e digna na sua profissão, ainda que faça isso “fechando os olhos” para as contradições do sistema dentro da segurança pública. Surfista e capoeirista, Uyrá tem um relacionamento estável com Sabrina, que espera um filho seu. Ele é bastante próximo do pai, Oswaldo, com quem divide as preocupações da instabilidade emocional de sua mãe, a artista plástica Mariá Rocha, que carrega sequelas e dores oriundas da tortura que sofreu na Ditadura Militar e da morte de seu companheiro. Durante a primeira temporada da série, Uyrá passará por grandes transformações que dizem respeito não somente a sua atuação como policial - marcada pela busca de um assassino de militares aposentados, que atuaram nos porões da ditadura, mas, sobretudo, as importantes descobertas em relação a segredos que envolvem a sua família e, em paralelo, o surgimento de sua fé.

EPISÓDIO 1



No primeiro episódio, Uyrá sofre um acidente de surf, e, logo que se recupera, vai acompanhar um homicídio presenciado por sua mãe, Mariá. A vítima é uma criança e o assassino, um militar da reserva de 70 anos, que acaba sendo preso por Uyrá. Ao chegar na delegacia, o Militar, no entanto, recebe tratamento privilegiado e acaba sendo solto, ao contrário de um rapaz negro, preso no mesmo dia, que é submetido a sessões de tortura pelos colegas policiais. Incomodado com a tortura na delegacia, mas sem coragem de intervir, Uyrá vive o dilema de tentar agir de maneira justa em um sistema perverso. Ainda neste episódio, Uyrá é surpreendido

pelo reencontro com Luiza, amiga de infância que saiu criança do Brasil para viver em Portugal. O reencontro ativa em todos da família de Uyrá memórias de tempos pretéritos e os aproximam da amiga recém-chegada.

Uyrá, na qualidade de investigador, se depara com a morte de um militar da reserva, General Elias. Apesar do legista determinar infarto como a causa mortis, Uyrá nota um detalhe que foi negligenciado por todos: uma pulseira do cadáver encontrada distante do corpo. O Episódio se encerra com Uyrá cismado, desconfiando de algo estranho na morte do militar.

EPISÓDIO 2



Uyrá vai em busca da família do General Elias e é surpreendido ao ver seu pai, Oswaldo, no enterro. Ele tenta encontrar o pai, mas não consegue. Na atividade como policial, Uyrá, ao perseguir criminosos da Baixa do Soronha, acaba invadindo o Terreiro de Mãe Vitória, que ordena, com a força dos Orixás, que ele e seus colegas saiam do espaço sagrado. Uyrá vê um vulto entrar na casa de Xangô, passa mal e Mãe Vitória percebe ali a manifestação da sua espiritualidade.

Uyrá partilha a sua desconfiança sobre a morte do General com o Delegado Jorge, mas ele pede para Uyrá esquecer o caso e lhe mostra o jornal, com uma matéria de Sabrina, sobre o militar que matou a criança na farmácia, com críticas à Anistia política de 1979 e às questões de segurança pública do Estado.

Uyrá se enfurece e vai tirar satisfações com a esposa no ateliê da mãe, mas a discussão é interrompida pela chegada de Luiza. Uyrá procura a filha do general Elias para mostrar a medalha, que ela identifica como do pai. Uyrá pede para ver o celular do falecido e identifica

o registro do número de Luíza.

As consequências da matéria de Sabrina aparecem: a casa do militar é tomada por protestos. Em casa, Uyrá cheira cocaína no quarto inacabado do filho, que está para nascer e Sabrina, ao ver, briga com ele. Mais uma vez Uyrá é surpreendido pelo vulto misterioso, que o acompanha.

Mariá trabalha em uma obra, quando é surpreendida pela notícia de que o Supremo Tribunal Federal não aceitou o pedido de revisão da Lei da Anistia, proposta pela OAB, o que a deixa indignada. Mais tarde, no VAT, ela ouve depoimento de uma vítima da ditadura que faz um relato o qual traz lembranças comportamentais de um médico presente nas sessões de tortura, que faz com que ela ache semelhantes aos hábitos de Oswaldo. Mariá desperta um processo de desconfiança em relação a Oswaldo, onde, ao vasculhar a casa, acha arquivos com conteúdos que lhe causam assombro e revolta.

Um segundo militar, o General Magalhães, aparece morto na praia de Itapuã.

EPISÓDIO 3



A falta de pistas do assassino do militar deixa o Delegado Jorge irritado. O legista mostra as fotos de uma marca de queimadura no pescoço do morto e diz que pode ter sido provocada por uma máquina de choque. Carité e seus capangas sequestram Keko, que foi visto perto do cadáver do General Magalhães. Os familiares de Keko pedem ajuda a Mistrocle, que aciona Uyrá. Uyrá consegue resgatar Keko, e, apesar da resistência e contrariedade de Carité, leva-o para a delegacia. Keko é tratado com violência, levado para uma cela de tortura. Uyrá protesta, o Delegado Jorge o repreende e deixa que os outros policiais torturem o preso.

Depois das descobertas, Mariá se isola no ateliê e muda radicalmente a forma e o conteúdo de suas obras. Oswaldo tenta entrar no ateliê de Mariá, mas ela não permite.

No Quilombo Rio dos Macacos, a comunidade celebra Luiza pela vitória da ação coletiva impetrada por ela, em favor do direito de os quilombolas fazerem reformas nas suas casas. Mariá fala superficialmente sobre a exposição para a imprensa, mas mantém o mistério sobre as obras que serão mostradas. Uyrá escuta os gritos de dor de Keko. Uma

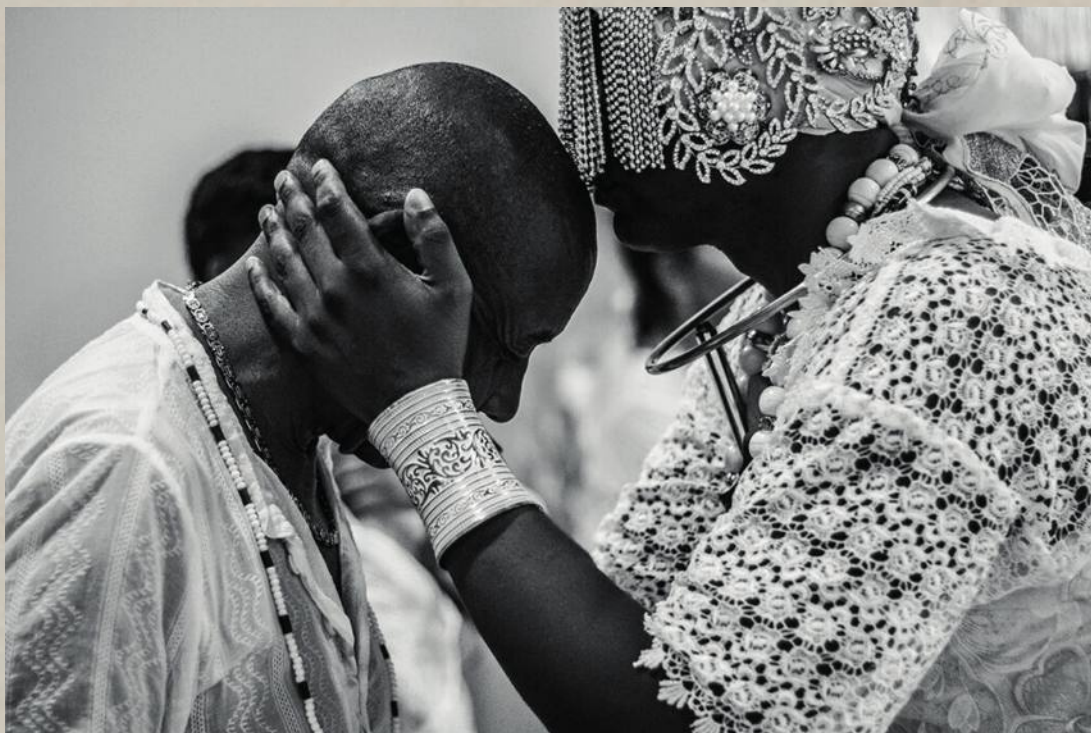
manifestação se forma na frente da delegacia. Mistrocle tenta falar com Keko, mas não consegue. Uyrá vê seus colegas torturando Keko e pede para eles pararem, sem sucesso. Uyrá sai desesperado da delegacia, no meio de uma tempestade, atira no transformador do poste do bairro e provoca um grande apagão. A imagem de Xangô aparece em meio a raios e trovões para Uyrá. Por falta de eletricidade, a tortura cessa na delegacia.

Uyrá pede ajuda a Luiza, como advogada, para libertar Keko e ela se compromete a fazê-lo. Uyrá vê um pequeno taser, de choque, na bolsa de Luiza e fica intrigado.

Luiza, não consegue falar com Keko na delegacia e vai até o Fórum Ruy Barbosa solicitar um habeas corpus.

Uyrá e Sabrina recebem um relatório sobre a gravidade da situação da criança que estão esperando, e, ao que tudo indica, o plano de saúde se nega a cobrir as despesas dos procedimentos, por conta da carência. Luiza aguarda a expedição das medidas judiciais para libertar Keko, quando vê na TV o Delegado Jorge explicar que Keko foi transferido para a penitenciária estadual por ter confessado o assassinato do General Magalhães.

EPISÓDIO 4



Uyrá investiga a morte do terceiro general assassinado. O Delegado Jorge é pressionado por instâncias superiores para que os assassinatos sejam solucionados.

Sabrina vai para o hospital e é acompanhada por Uyrá e Mariá. Mariá diz a Uyrá que ela e Oswaldo jamais voltarão a se relacionar, mas não diz o motivo.

Por causa da morte desse outro general, Keko é solto. Na sua saída da penitenciária, é ameaçado caso denuncie as torturas que sofreu. Luiza consegue esconder Keko no Quilombo Rio dos Macacos.

Uyrá procura Mistrocle para falar sobre suas visões e o padre aconselha-o a procurar Mãe Vitória. No Terreiro, Mãe Vitória confirma que Uyrá é filho de Xangô e faz um alerta sobre o nascimento do seu filho, o que o deixa atordado.

O Delegado Jorge fica sabendo que o exército abriu uma investigação independente para apurar as mortes dos generais.

Adriana chega a Salvador com seus três namorados jovens.

A exposição de Mariá acontece, e as obras denunciam nomes dos torturadores, além de tecer duras críticas à ditadura militar e à tortura. Através das obras, Uyrá faz descobertas sobre si mesmo e sobre sua mãe. Na exposição, Oswaldo tenta se aproximar de Mariá sem sucesso. Adriana alerta a irmã sobre possíveis represálias, mas ela não liga. A exposição é finalizada de maneira apoteótica. Uyrá leva a mãe para casa e eles têm uma conversa catártica. No dia seguinte à exposição, Mariá é encontrada morta em seu ateliê.

EPISÓDIO 5



Uyrá tem que lidar com a dor da morte de sua mãe e o desespero de seu pai. Luiza, prestes a embarcar para Portugal, recebe a notícia da morte de Mariá e desiste do voo.

O velório de Mariá acontece sob forte comoção. No sepultamento, Adriana fica sabendo do grave problema de saúde do filho de Uyrá e das dificuldades com o plano de saúde.

Uyrá encontra com Luiza no ateliê da mãe e ela revela sua desconfiança de que a artista não cometeu suicídio. Uyrá não acredita na amiga. Sozinho no ateliê, Uyrá observa que a garrafa de uísque Blue Label, que sua mãe ganhara de Luiza, está abaixo do normal e fica intrigado, uma vez que a mãe havia parado de beber. Ele guarda a bebida em uma sacola e encontra os mesmos arquivos que Mariá havia descoberto. Uyrá descobre que se trata de arquivos comprometedores dos porões da ditadura, e que Oswaldo era o médico da morte que mantinha as vítimas vivas para voltarem a ser torturados pelos militares. Uyrá procura o pai e não o encontra.

Casas e prédios onde moram os torturadores

citados em algumas instalações da exposição de Mariá sofrem intervenções e protestos, dentre elas a sede do bloco das “Mizeravonas”. Uyrá leva a garrafa de uísque para ser examinada por um investigador particular de sua confiança.

Uyrá participa da Fogueira de Xangô no terreiro de Mãe Vitória e tem seu primeiro transe espiritual.

Uma agente da Polícia Federal assume as investigações sobre as mortes dos generais e Uyrá fica frustrado.

Adriana corrompe o dono de um grande jornal da capital para que ele suspenda matérias sobre dois temas em voga: a discussão sobre a malfadada revisão da Lei da Anistia e a discussão sobre a exposição de Mariá.

Um quarto general aparece morto em frente ao Forte de Santo Antônio. Uyrá investiga o crime e algumas evidências encontradas apontam para Luiza. Uyrá entra na casa dela e encontra outras provas que confirmam suas suposições.

Luiza chega em casa, ela e Uyrá se encontram.

EPISÓDIO 6



Episódio em flashback. Meses antes, em Portugal, Luiza está em um tribunal, acaba de ganhar uma causa importante. Sai e encontra Samantha, sua namorada, e combinam de ir a uma área boêmia para comemorar. Uma chamada urgente interrompe o programa: Constança, mãe de Luiza, que está gravemente doente, piora. No quarto, Luiza ouve uma importante confissão da mãe: que sua adoção foi feita através de um esquema ilegal realizado por militares na ditadura brasileira. Salvador, Bahia. Luiza observa, de longe, o General Elias iniciar sua caminhada matinal. No Arquivo Público, Luiza descobre que a sua mãe verdadeira, Dandara, se escondeu da repressão no Quilombo Rio dos Macacos. Dentro do quilombo, descobre, através de Vó Juci, a anciã do local, que sua mãe foi uma figura importante para os aquilombados, e que tem um tio vivo: Mistrocle. Luiza localiza Mistrocle e eles têm um encontro emocionante e forte. Luiza conversa com o General Elias. Não consegue as respostas sobre o que aconteceu com sua mãe, mas acha uma foto, na estante da casa do militar, com vários militares na frente do Forte do Santo Antônio, que ela julga importante para desvendar seu mistério. Através de uma

fotografia de jornal, encontrada nos arquivos do Tortura Nunca Mais, ela tira sua dúvida: Dandara foi assassinada. Revoltada, Luiza interpela o General Elias na sua caminhada no Parque da Cidade. Os dois discutem de maneira áspera, ele revela algo monstruoso. Luiza perde a cabeça e mata o militar com uma máquina de choque. Luiza se refugia na paróquia de Mistrocle. O pároco a acalma, uma parceria se forma. Luiza assassina um outro General que estava na foto: General Magalhães, outro responsável pelo sofrimento de Dandara. Luiza sente-se culpada por Keko estar preso na penitenciária. Para livrá-lo, elimina um outro general, o General Rodrigues. Em seguida, e de maneira mais elaborada, mata o General Vasconcelos, mais um dos responsáveis pela morte e pelo estupro de sua mãe, deixando o corpo em frente ao Forte de Santo Antônio. Volta ao presente, Luiza e Uyrá discutem. Tensão. Luiza consegue, através de uma droga colocada na bebida de Uyrá, desmaiá-lo. Mistrocle é acionado e ajuda Luiza a colocar o policial no banco de trás do carro. Luiza, sentida, leva-o desacordado até uma praia deserta do litoral norte da Bahia. É seguida pelo tio, que a protege.

EPISÓDIO 7



Praia de Arembepe. Manhã. Dentro do carro, Uyrá acorda. Pega o telefone e liga para Luiza, que não atende. Câmara Municipal de Salvador. Sob os protestos dos povos de Santo, o projeto de construção de um complexo de igrejas evangélicas na Lagoa do Abaeté é aprovado. Luiza está escondida na paróquia de Mistrocle. Teme ser presa por Uyrá, diz que precisa fugir para Portugal. O padre a acalma, pois confia no discernimento do amigo. Keko escapa do Quilombo para se encontrar com a namorada. É morto por capangas de Carité ao voltar do encontro. Uyrá procura Luiza na casa dela e no quilombo. Nada. Adriana está no médico. Em uma ligação, pressiona para que a exposição da irmã seja fechada. Uyrá vai até o local da morte de Keko. Fica consternado e revoltado. Depois, descobre através de um jornalista que a exposição da mãe está sendo fechada. Mistrocle conta para Luiza que Keko foi assassinado. Ela chora, fica brava e resolve matar o responsável pela morte do rapaz e um dos militares presentes na foto, responsável pela desgraça de sua mãe Dandara: Carité. Mistrocle a alerta dos perigos de tal

empreitada, mas Luiza o ignora. No MAM, manifestantes tentam impedir que a exposição seja fechada. Adriana está lá para acompanhar tudo. Uyrá chega e descobre que a tia tem responsabilidade na censura da exposição. A Policial Federal Giuditte assume, de vez, as investigações dos assassinatos dos generais. Em uma festa na sede carnavalesca, Delegado Jorge assume estar preocupado com a repercussão da morte de Keko. Carité desdenha do que diz o delegado. De longe, sem ser vista, Luiza acompanha os movimentos do miliciano. Sabrina entra em processo de parto. Uyrá é avisado e corre para o hospital. Expectativa em relação à liberação pelo plano de saúde. Apesar da demora, acontece o procedimento cirúrgico no bebê. Durante a cirurgia, Uyrá descobre que o plano não autorizou, e que a intervenção só foi possível porque alguém, que não quer se identificar, pagou as despesas. Mais tarde, Uyrá identifica o pagador: Adriana. A cirurgia acaba e o pediatra informa que tudo ocorreu bem. Uyrá fica emocionado e agradece a Xangô.

EPISÓDIO 8



Lagoa do Abaeté. As obras começam sob os protestos do povo de Santo, mas são encerradas quando o trator encontra sacos de ossos humanos enterrados. Uyrá volta à casa do pai e o encontra. Acontece uma arenga catártica. Oswaldo se compromete a ajudar Uyrá com os arquivos. Samuel, um ex-agente da Cia, é recepcionado por Adriana no Aeroporto de Salvador. Luiza continua em seu plano de matar Carité. Mistrocle é cuidadoso. Uyrá visita o filho na UTI e dá apoio emocional a Sabrina. Recebe o relatório do investigador particular, que aponta para um suspeito da morte de Mariá: Carité. Uyrá leva o relatório para o Corregedor da Polícia, mas não entrega porque percebe que ele é amigo de Carité. À noite, no Terreiro de Mãe Vitória, Uyrá faz o Borí. Na festa na sede das “Mizeravonas”, a namorada de Keko seduz Carité e o leva para um motel. É uma armadilha. Ela e Luiza matam Carité e são perseguidas pelos capangas do miliciano e pela polícia. Em fuga, Luiza liga para Mistrocle, pede ajuda, combinam onde deixar a namorada de Keko. Depois, foge para o Quilombo Rio dos Macacos, mas é descoberta pelos seus perseguidores. Mistrocle pede para Uyrá proteger Luiza. O policial concorda, o

padre informa onde Luiza está escondida. Em frente à entrada do Quilombo, vários policiais, comandados pelo Delegado Jorge, esperam a autorização da Marinha para invadir a área. A autorização é dada, eles entram. Uyrá aparece logo depois e entra junto no quilombo. Ele consegue encontrar Luiza, a veste como policial e a tira de lá ilesa. Outro dia. Em casa, Adriana recebe uma missiva ameaçadora de Oswaldo. Uma equipe forense examina os ossos encontrados na Lagoa do Abaeté. O tempo passa. Uyrá está surfando novamente. Ele, Mistrocle e Luiza estão em choupana em uma praia distante, reservada. Decidem investigar os arquivos dados por Oswaldo, sabendo que será um caminho sem volta. Colocam uma fita cassete para tocar, pegam fichas e relatórios, ouvem urros de dor, súplicas e as palavras de vingança de um torturado que era do Candomblé. Ele é morto, seguido de um tiro. Período eleitoral da disputa presidencial. Em carro estacionado, Adriana, Samuel e um militar planejam um atentado a bomba ao comício de José Serra. Adriana orienta a ação e se afasta do veículo. Algo dá errado e o artefato explode na mão dos dois terroristas. Fim da temporada.

CONTR A NISTIA

ORÇAMENTO

Desenvolvimento de Projeto	R\$ 356.500,00
Pré-Produção	R\$ 3.058.600,00
Produção e Filmagem	R\$ 8.032.810,00
Pós-Produção	R\$ 2.404.000,00
Despesas Administrativas	R\$ 345.000,00
Tributos e Taxas	R\$ 10.000,00
Total de Produção	R\$ 14.206.910,00